

PSICANÁLISE E SOCIOLOGIA*

Florestan Fernandes

Professor da Universidade de São Paulo

Introdução

As relações entre as disciplinas científicas podem se alterar tão rapidamente quanto as próprias relações humanas. Nos tempos heróicos da psicanálise, poucos foram os sociólogos que tomaram a sério as descobertas de Freud. Foram os psicanalistas que se arriscaram às incursões pioneiras, tanto na exploração de materiais fornecidos pela filosofia, pela mitologia, pelo folclore, pela etnografia, pela história cultural ou pela sociologia, quanto na caracterização sociológica dos fenômenos psíquicos, onde e quando isso lhes parecesse necessário. O caráter desanimador das primeiras experiências se depreende da afirmação de Freud, segundo a qual a psicanálise, nas suas relações com aquelas disciplinas, antes deu do que recebeu alguma coisa. Ainda que os psicanalistas pudessem manter semelhante opinião, a verdade é que os sociólogos se interessam de modo crescente pelos resultados da psicanálise. Aos psicanalistas que revelam algum ceticismo a esse respeito é recomendável a leitura da recente obra de Roger Bastide, *Sociologia e Psicanálise*¹, na qual não só o tema é debatido, mas ainda se esboçam tendências muito frutíferas de cooperação interdisciplinar.

Essa mudança de atitudes se deve, principalmente, às transformações que se processaram no seio da própria sociologia. Do século XIX, a sociologia conservou muito pouco, além do nome, alguns conceitos básicos e os três métodos sociológicos fundamentais de explicação indutiva da realidade social. A sociologia se tornou uma “ciência de observação” e os sociólogos ganharam, por conseqüência, novas perspectivas para avaliar adequadamente a importância das demais disciplinas que investigam o comportamento humano de outros pontos de vista.

Não me é possível examinar aqui todos os problemas que mereciam atenção cuidadosa. Todavia, é provável que se possa tentar, sem grandes inconvenientes, um balanço geral das alterações dos principais focos de interesses nas relações das duas disciplinas. Como a psicaná-

*) Exposição proferida em 6 de maio de 1956, na sessão solene em comemoração do ‘Centenário de Sigmund Freud’, promovida pela *Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro* no auditório do Ministério de Educação.

lise pode ser considerada de três ângulos distintos — como técnica terapêutica, como técnica e método de investigação, e como teoria sobre o comportamento humano — procurarei expor os argumentos a serem debatidos segundo essa ordem didática.

A Psicanálise como Terapêutica

Freud interpretou com objetividade os fatores de oposição à psicanálise. As convenções sociais e o influxo quase exclusivo de concepções intelectualistas prejudicaram, inicialmente, a difusão e a aceitação das descobertas dos psicanalistas. Os sociólogos não poderiam constituir exceção, quando os próprios psicólogos não ficaram imunes a tais influências. Contudo, o principal fator negativo na apreciação da psicanálise pelos sociólogos parece ter sido a sua origem clínica. Na transição do século, a maioria dos sociólogos acadêmicos entendia que a investigação sociológica deveria se submeter ao modelo de pesquisa desinteressada das ciências naturais. Uma disciplina cujos conhecimentos dos processos mentais provinham, basicamente, do tratamento dos pacientes, mal mereceria a qualificação de científica.

Atualmente, a mesma circunstância é apreciada de outra maneira pelos sociólogos, que tendem a encarar a associação da psicanálise com a clínica como sendo um dos desenvolvimentos mais promissores e fecundos da psicologia. Essa mudança tão radical de atitudes se prende, naturalmente, a uma compreensão mais objetiva da natureza da psicanálise e da sua significação para as ciências sociais. Mas, ela tem muito que ver com as próprias alterações dos focos de interesses empíricos, teóricos e práticos da moderna investigação sociológica.

Em primeiro lugar, com a progressiva extensão dos limites da pesquisa sociológica, os sociólogos acabaram se dedicando diretamente ao estudo das moléstias mentais. As investigações sobre as condições de existência nas grandes cidades, por exemplo, mostraram que existem certas relações entre a distribuição das moléstias mentais e a organização social. Doutro lado, o rápido crescimento empírico-indutivo da sociologia aplicada criou novos campos de investigação, nos quais os sociólogos se empenham regularmente no estudo da diferenciação, em sentido divergente, do comportamento humano, da personalidade e das instituições ou grupos sociais. Os materiais recolhidos pelos psicanalistas passaram a atrair a atenção dos sociólogos, pois através deles é possível examinar alguns problemas fundamentais na diferenciação da personalidade divergente e nas formas de reação societária a comportamentos imprevistos ou desaprovados, que podem, não obstante, ser tolerados sem o recurso extremo ao internamento dos agentes.

Em segundo lugar, surgiram na sociologia tendências de explicação dinâmica do comportamento humano e da vida social, o que fez com que

os sociólogos tivessem motivos teóricos para pretender aproveitar as contribuições da psicologia, que permitissem considerar a personalidade como um todo. Parsons, um dos sociólogos mais intimamente ligados às referidas tendências, revela perfeita compreensão desse fato. Não só afirma que foi a responsabilidade clínica que levou Freud a encarar a personalidade como um todo e a devotar-se ao estudo da organização da personalidade entendida como um sistema, como ainda demonstra que é exatamente por isso que as descobertas da psicanálise interessam diretamente à sociologia².

Em terceiro lugar, os próprios sociólogos passaram a formular com maior precisão e realismo as questões concernentes aos problemas práticos no campo das ciências sociais. Em consequência, a significação da psicanálise como técnica pioneira de manipulação racional dos problemas humanos acabou se impondo com notável rapidez. De um lado, a exemplo de Mannheim, vários sociólogos viram no tratamento psicanalítico um verdadeiro modelo para a criação e a exploração prática de técnicas sociais. Na cura de moléstias mentais, o psicanalista enfrenta, de fato, uma situação muito parecida com a do sociólogo que se defronte com problemas práticos: trata-se de introduzir alterações em um sistema estrutural e funcionalmente organizado, submetido a padrões próprios de equilíbrio dinâmico, de modo a pôr em atividade construtiva certas potencialidades de poder "adaptativo" conhecido. Por isso, muitos sociólogos se devotaram ao estudo da psicanálise especificamente por que pretendiam conhecer o "segrêdo" e a "natureza" da psicanálise como técnica terapêutica. De outro lado, a sociologia aplicada contribuiu para colocar certos problemas práticos que dizem respeito ao reajustamento dos doentes mentais às condições rotineiras de existência. É sabido que a internação e a segregação, temporária ou permanente, de doentes mentais, se explica como uma reação extrema de defesa, sendo posta em prática nos casos em que as ações ou as atividades daqueles agentes perturbam as condições rotineiras de existência a ponto de se tornarem uma ameaça ao equilíbrio da vida social. As expectativas morais dominantes se orientam, contudo, para a reintegração dos indivíduos que conseguirem a cura em sua antiga posição social, o que lhes assegura, pelo menos teoricamente, a estabilidade na participação dos direitos e deveres reconhecidos socialmente. Na realidade, porém, o reajustamento é penoso: envolve a necessidade de uma reeducação dos indivíduos, afetados pela internação, e das pessoas que convivem com eles, o que nem sempre se realiza de forma satisfatória. O resultado dramático dessa situação, como escreve Lemert, consiste em que as pessoas afetadas acabam carregando consigo a marca da internação, sendo condenadas à marginalidade, oscilando entre duas concepções opostas de si mesmas — curadas ou loucas³. Daí o interesse sociológico pelas técnicas de tratamento mental que prescindam da internação dos pacientes, que favore-

çam a continuidade de suas atividades rotineiras e que possam ser mantidas em sigilo, de acôrdo com suas conveniências pessoais. E' verdade que Freud viu nessa condição da psicanálise uma fonte de prejuízo para o tratamento clínico, continuamente perturbado pelas influências externas, não controláveis pelo médico. Parece, no entanto, que essa condição permite conciliar em alto grau os interesses mais profundos dos pacientes e da sociedade.

Vê-se que não é difícil explicar como e porque os sociólogos mudaram de atitude em face da psicanálise como técnica terapêutica. Mas, há uma questão de ordem mais geral que talvez mereça ser mencionada aqui. Últimamente, tem encontrado certa voga uma espécie de condenação da psicanálise: o psicanalista não ataca verdadeiramente os fatores das moléstias mentais, que estariam na organização de classes da moderna sociedade capitalista, mas os efeitos dêles, que se manifestam na vida psíquica individual. Essa crítica traduz uma completa incompreensão da explicação psicanalítica da origem das neuroses e revela uma grosseira deformação da natureza da psicanálise como terapia. Tais pontos, porém, são pacíficos e não me compete discutí-los aqui. O mesmo não se pode dizer das implicações da referida crítica. Elas pressupõem a afirmação de que a psicanálise está vinculada a uma situação de interesses e a uma ideologia, constituindo a sua aplicação um meio de defesa da ordem social vigente.

Segundo penso, êsses argumentos não possuem fundamento sociológico. Seria possível lembrar que Freud mantinha uma concepção segundo a qual o observador deve ser neutro, sem que a sua neutralidade signifique conformismo diante da ordem social existente. Eis uma de suas passagens a respeito: "Nós não somos reformadores, é verdade; nós somos meramente observadores; mas não nos podemos impedir de observar com olhos críticos, e parece-nos impossível dar nosso apôio à moralidade sexual convencional ou aprovar decididamente os meios pelos quais a sociedade procura ordenar os problemas práticos da sexualidade na vida"⁴. Ou, que outros psicanalistas, como Fromm, discutem abertamente as possibilidades de colocar os conhecimentos da psicanálise a serviço da construção de uma nova ordem social, que êle designa sob o nome de "socialismo democrático"⁵. Mas, referências dessa espécie não permitem ir além da epiderme da crítica: que existem psicanalistas e psicanalistas, sendo, portanto, variável o grau de vinculação dêles com a ordem social existente. O que importa é compreender a inconsistência fundamental dos argumentos: a vinculação da psicanálise com a ordem social existente não é estática, mas dinâmica. Como terapia, a sua descoberta e aplicação se ligam a fatores internos de mudança sócio-cultural que operam no nível da formação e do desenvolvimento da civilização científica no mundo moderno. A terapêutica psicanalítica representa, por isso, muito mais que um mero processo de cura de determi-

nadas moléstias mentais. Ela se inscreve entre as técnicas racionais, postas ao alcance do homem pela ciência, que possuirão tremenda importância para as próximas transformações da nossa civilização. Erich Fromm colocou corretamente a questão, em termos histórico-sociológicos, ao salientar que o equilíbrio dinâmico da personalidade está dependendo, de modo crescente, da consciência e do controle que os indivíduos conseguirem alcançar sobre seus processos mentais e sobre as deformações neles praticadas mediante influências, manipulações ou pressões exteriores.

A contraprova dessa interpretação pode ser obtida facilmente. As investigações psicanalíticas que põem ênfase no condicionamento cultural sugerem que as complicações da vida psíquica acompanham a diferenciação da vida social. Em sociedades nas quais a organização das ações e das relações humanas se processa através de instituições secularizadas, da competição pessoal, da desigualdade econômica e da dominação racional, diversos fatores supra-pessoais podem concorrer para aumentar as fontes de insegurança e de isolamento dos indivíduos. A descrição de Karen Horney da "personalidade neurótica de nosso tempo" ilustra cabalmente essa afirmação. Se a diferença entre a "pessoa normal" e a "pessoa neurótica" chega a ser meramente de grau e quantitativa, como afirma Horney, as exigências das situações acabam pesando de tal modo na vida psíquica individual, que se impõe a invenção de técnicas racionais de restabelecimento do equilíbrio psíquico e seu aproveitamento prático regular passa a fazer parte ativa do sistema adaptativo da sociedade e da cultura. Em tais condições, seria um contra-senso estabelecer vinculações específicas de semelhantes técnicas com determinados aspectos da organização social ou da configuração cultural (como situações de interesses ou ideologias sociais). Esse raciocínio se aplica especificamente à psicanálise, que preenche funções adaptativas em nossa sociedade e em nossa cultura.

Técnicas e Métodos de Investigação da Psicanálise

A psicanálise desenvolveu ou refinou todo um conjunto de técnicas e métodos de investigação ou de interpretação que possuem grande importância para as ciências sociais. Falta-me competência para discutir a fundo os problemas que aqui se colocam, pois só o próprio psicanalista é senhor de seu arsenal de trabalho. Contudo, sinto-me capaz de apontar a sua significação em face da investigação sociológica.

A principal importância da psicanálise, para o sociólogo, estava na solução encontrada por Freud para os problemas da observação, da análise e da interpretação dos processos mentais. De um lado, porque procuravam compreender as manifestações psicológicas das atividades humanas como fenômenos de sentido. De outro, porque assentou a des-

criação e a interpretação dos dados psicológicos em bases puramente qualitativas. A observação em situações clínicas tornou-se o sucedâneo da observação em situações experimentais, mas de tal modo que a utilização de técnicas de investigação adequadas à natureza do objeto da psicologia não afetassem nem a objetividade e a precisão das observações, nem o vigor da análise, nem o caráter indutivo e geral das explicações descobertas.

A situação clínica fez com que a unidade básica de investigação fôsse o paciente e com que a comunicação verbal se constituísse como o instrumento fundamental da observação. Em semelhantes condições, o investigador tinha que usar regularmente duas técnicas de investigação, que permitiam conhecer e reconstruir as experiências anteriores ou atuais do paciente: a entrevista e o estudo de caso, sendo que êste tendia para o modelo da história de vida, embora envolvendo também, de modo parcial, o estudo de determinadas situações de convivência e, especialmente, da família. A situação clínica ainda comportava amplo aproveitamento da observação direta. Em si mesma, ela fornecia ao investigador exemplos concretos da capacidade de ajustamento e de interação emocional ou social do paciente; graças à aplicação de técnicas clínicas, como a hipnose ou a transferência, fornecia um desdobramento da observação direta, deveras fecundo para a descrição de reações ou de tendências dinâmicas, dificilmente acessíveis à simples comunicação verbal. Para o estudo de símbolos e dos sonhos, êsses recursos de investigação foram completados pelo método comparativo. Pode-se afirmar que essas técnicas e métodos de investigação permitiam conhecer os processos mentais em termos de configurações da vida psíquica e conduziam diretamente à descrição destas sob a tríplice perspectiva da herança bio-psíquica, da participação da cultura e dos efeitos psicológicos da socialização.

Como a situação clínica oferecia uma base segura de observação, de crítica e de seleção dos dados, a elaboração interpretativa de materiais com sentido ou de conexões simbólicas podia se concentrar nos caracteres essenciais dos processos mentais, descritos não obstante através de casos particulares. Foi por isso que Freud conseguiu alcançar uma solução para o problema da formação da inferência nas ciências sociais⁷, que não encontra paralelo na obra de nenhum outro grande investigador. Partindo de procedimentos rigorosamente empírico-indutivos (note-se: esta afirmação só se aplica às investigações feitas em situações clínicas), selecionava por meio da análise as instâncias interpretativamente relevantes, agrupava-as para obter uma reconstrução sintética do fenômeno e, por fim, podia alimentar a convicção íntima de lidar exclusivamente com os caracteres típicos ou essenciais dos processos investigados. Essa passagem do *caso particular* ao *caso típico*, às vezes, é conseguida por vias tortuosas e discutíveis ou mediante certos artifícios in-

terpretativos. A verdade, porém, é que Freud foi um mestre insuperável nessa esfera do raciocínio científico. E que, graças a isso, encontrou uma solução positiva para o problema da explicação na psicologia, na qual a abstração e a generalização não se fazem à custa do sacrifício dos fundamentos empíricos e da veracidade materialmente comprovada das inferências.

Peço desculpas por insistir em noções tão conhecidas pelo auditório. Essa digressão era, no entanto, indispensável. Ela nos mostra algo evidente: a situação clínica de investigação deu à psicologia, através da psicanálise, meios propícios para a sua rápida evolução em um sentido empírico-indutivo, como ciência de observação. Um conjunto igualmente feliz de circunstâncias, tão favoráveis à combinação da observação com a explicação segundo o modelo, os alvos e os ideais do pensamento científico, não se reproduziu nas demais ciências sociais. O desenvolvimento da economia, da etnologia e da sociologia foi, por isso, menos homogêneo e, nelas, os problemas relativos à explicação da realidade tiveram de ser resolvidos precocemente, antes da descoberta e utilização de técnicas rigorosas de investigação.

Seria de esperar-se, portanto, que pelo menos por volta da primeira década do século, os sociólogos devotassem alguma atenção às condições e conseqüências do desenvolvimento da psicanálise. A insistência de Freud na atividade dos instintos, nos processos mentais inconscientes e na significação das conexões de sentido na vida anímica contrariariam apóio nas próprias preocupações fundamentais das principais correntes da sociologia na época. Todavia, não foi isso que sucedeu. De um lado, o estado da teoria da investigação científica na sociologia não estimulava uma compreensão exata das conseqüências positivas da observação clínica. Em particular, os sociólogos mal poderiam compreender o uso de casos particulares como recurso para a evidência de caracteres típicos e como meio de abstração do geral. De outro lado, mesmo nas orientações sociológicas em que a descrição do social tomava como ponto de partida os dados da psicologia, existiam limitadas possibilidades de considerar o comportamento humano no plano mesmo de emergência do super-orgânico. A grande contribuição teórica de Freud e de seus discípulos se coloca exatamente aqui. Ora, seria difícil aproveitar construtivamente semelhante contribuição de uma teoria psicológica da função dos instintos na organização da personalidade numa época em que a caracterização sociológica da realidade social incidia sobre os traços formalmente imediatos e irredutíveis do super-orgânico. Isso explica porque a crítica à psicanálise tomou por objeto os resultados menos relevantes para as ciências sociais — como as que visavam contestar a universalidade do complexo de Édipo; as que foram dirigidas contra as construções conjecturais de *Totem e Tabu*; ou as que lamentavam as tentativas de Freud de explicar, pela indução por ana-

logia, fenômenos histórico-sociais ou culturais que não podem ser interpretados em bases puramente psicogenéticas (como a emergência e a evolução da vida social organizada e da civilização) ⁸.

O clima para uma melhor compreensão da natureza da psicanálise e das suas contribuições à sociologia começa a surgir com as novas orientações empírico-indutivas da investigação sociológica, principalmente a partir da segunda década do século. Mas, aí os sociólogos estavam demasiado absorvidos na solução dos problemas criados pela investigação empírico-indutiva, para que pudessem colaborar frutiferamente na pesquisa dos chamados *fenômenos de fronteiras*. Em consequência disso, os próprios psicanalistas arcaram com a responsabilidade de retificar, no terreno propriamente empírico, as interpretações de Freud que possuíam implicações sociológicas. Os trabalhos de Roheim, de Fromm, de Horney, de Klein, de Kardiner, de Bettelheim e Ianowitz, de Horkheimer, de Adorno, e de tantos outros ilustram o alcance e a vitalidade desse movimento crítico, graças ao qual o ponto de vista sociológico vem encontrando aplicação mais larga e produtiva nas investigações psicanalíticas. Nessa interação com a sociologia, como nos atesta Roheim ⁹, algumas vezes hipóteses e explicações fundamentais de Freud são abandonadas ou negligenciadas, em prejuízo da própria psicologia. Doutro lado, o esforço de aproveitamento do ponto de vista sociológico nem sempre é bem sucedido. São evidentes, particularmente, dois tipos de limitações: 1.º) a tendência a atribuir demasiada significação causal ou funcional a fatores que parecem ser, no plano da organização e da determinação dos processos mentais, meramente condicionantes; 2.º) a tendência a caracterizar as influências dinâmicas, especificamente vinculadas a tais fatores condicionantes, de modo muito geral e superficial. Bem ponderadas as coisas, essas limitações vão para o passivo dos próprios sociólogos, cujas possibilidades de cooperação em trabalhos de equipe são ainda bem reduzidas.

Chegamos, assim, ao problema crucial da cooperação interdisciplinar. Ela é altamente desejável. Mas é duvidoso que o sociólogo possa corresponder, fora de projetos bem definidos e limitados de investigação, às expectativas teóricas dos psicanalistas. Em compensação, a sociologia muito teria a ganhar com o incremento da cooperação interdisciplinar. Em uma análise notável, Lasswell já demonstrou que o conhecimento mais íntimo e a exploração corrente de técnicas psicanalíticas permitiriam melhorar e aumentar a capacidade de observação dos cientistas sociais, principalmente nos estudos sobre personalidade e cultura. Em suma, escreve: "Mais e mais estão os psicanalistas descobrindo a cultura. E, o que é mais importante, eles estão descobrindo a cultura como ela opera em suas próprias personalidades, durante a prolongada intimidade da situação psicanalítica. Eles possuem uma técnica que podem aplicar incessantemente a si próprios, para identificar as resistências à

incorporação anteriormente insuspeita de padrões de sua própria cultura. Esse instrumento para a compreensão da cultura pode ser empregado pelos cientistas sociais tendo em vista maior consciência de si próprios em relação à categoria de personalidade-cultural em que estão incluídos”¹⁰. As vantagens da “análise didática” podem parecer discutíveis, ao contrário do que pensa Lasswell; mas é incontestável que semelhante experiência pode concorrer para alargar o horizonte intelectual do investigador e torná-lo mais sensível às relações dinâmicas entre a personalidade e a cultura.

A Psicanálise como Teoria

A psicanálise pode ser encarada como um dos ramos da psicologia, cujo desenvolvimento teórico tem sido mais rápido. Freud procurou estender a explicação psicanalítica a um número extenso de problemas fundamentais, com o intuito de conseguir uma unificação teórica suficientemente compreensiva dos postulados, hipóteses e conhecimentos positivos, alcançados pela psicanálise na investigação dos processos psíquicos e da vida mental, em suas manifestações patológicas e normais. Um grupo brilhante de pesquisadores deu continuidade a esse esforço de sistematização teórica, embora fragmentando-o em várias direções. Em suas reações à teoria psicanalítica, raramente os sociólogos tomaram em conta o conjunto do edifício construído por Freud e por seus continuadores. As críticas, algumas vezes, encobrem os postulados da explicação psicanalítica; outras vezes, atingem o *corpus* teórico da psicanálise, pondo em dúvida a consistência ou a generalidade de descobertas empírico-indutivas dos psicanalistas; mas, com frequência, elas se dirigem contra a aplicação do ponto de vista psicanalítico à explicação de fenômenos psico-sociais, psico-culturais ou à evolução humana.

E’ lógico que não podemos lidar aqui com todos esses tipos de críticas. Nem isso é necessário. Tomemos um exemplo: Sorokin afirma que a teoria psicanalítica “é totalmente inadequada e insatisfatória” e que “ela não contribuiu em nada para o nosso conhecimento dos fenômenos sociais ou das relações entre o fator sexual e outras categorias de fatos sociais”¹¹. O que há atrás dessa crítica senão uma opinião pessoal e um colossal erro de perspectiva? Em que ela pode afetar os fundamentos e o conteúdo da teoria psicanalítica? Em que ela pode ser útil ao aproveitamento das descobertas da psicanálise pelos sociólogos? E’ evidente que, neste terreno, os próprios psicanalistas estão realizando um esforço mais construtivo e conseqüente de revisão crítica dos postulados, conceitos e explicações da psicanálise, à luz de novas descobertas ou sob influências das outras ciências sociais¹².

Doutro lado, é verdade que a teoria psicanalítica seria totalmente inútil para os sociólogos? Tal opinião é contestada por outros especia-

listas, com experiência mais direta no assunto, como Bastide, Parsons, Ginsberg e Lasswell, a que já nos referimos em outras partes da presente exposição. Seria fácil, em um esforço muito superficial e imperfeito, assinalar diversos aspectos da teoria psicanalítica que possuem especial relevância para a sociologia:

- 1.º) a descrição dos vínculos estruturais e dinâmicos da personalidade com as situações sociais de existência, de modo a discernir a significação funcional e causal da interação das tendências emocionais com os fatores de socialização, inerentes à convivência humana ou à introjeção de normas e valores sociais;
- 2.º) a descrição do condicionamento bio-psíquico do processo de formação de polarizações afetivas e morais da personalidade consigo mesma, com outras pessoas, e com os valores ou as instituições sociais do meio ambiente, orientadas de forma positiva ou negativa;
- 3.º) a descrição das condições ou dos fatores bio-psíquicos e sócio-culturais da diferenciação da personalidade em um sentido divergente e seus efeitos patológicos;
- 4.º) a evidência de que a personalidade constitui um sistema organizado estrutural e funcionalmente, cuja plasticidade não é potencialmente ilimitada e cuja alteração depende de mecanismos internos, só parcialmente determinados por influxos biológicos, culturais ou sociais;
- 5.º) a descoberta da importância da libido na organização da personalidade e na orientação do comportamento humano.

A essa lista ainda se poderia acrescentar outros desenvolvimentos teóricos da psicanálise que afetam direta ou indiretamente o quadro de problemas fundamentais da sociologia. Entre eles, estão as hipóteses de Freud sobre os mecanismos da herança na vida bio-psíquica e suas explicações sobre o *caráter primordial* da emergência do ego e do id, na evolução humana, e sobre o *caráter ulterior* (portanto "histórico" ou "cultural") da emergência do indivíduo como unidade psico-social. Tais temas, é certo, só podem ser debatidos conjecturalmente. Por isso, amedrontam os cientistas modernos. Como dizem respeito a problemas cruciais, embora ainda não resolvidos pela ciência, merecem cuidadosa atenção dos investigadores. Se o sociólogo puder tomá-los em consideração, não terá mais a perder que o biólogo ou o psicólogo.

Quanto às aplicações do ponto de vista psicanalítico à interpretação de fenômenos histórico-sociais ou sócio-culturais é preciso estabelecer certos pontos. Muito do que foi feito por Freud e por seus primeiros colaboradores tem merecido severas críticas; contudo, os trabalhos mais recentes, como os de Bettelheim e Ianowitz, Fromm, Adorno, Kardiner etc., se caracterizam pela observância de procedimentos rigorosos de investigação empírico-indutiva. Isso significa, em outras palavras, que os progressos recentes da investigação psicanalítica reduziram, de forma considerável, o contraste que se estabelecera entre os resultados positivos da pesquisa clínica e as analogias ou as conjecturas proporcionadas pela exploração inadequada de materiais comparativos da etnologia e da história cultural. As restrições que se fazem à teoria psicanalítica, portanto, afetam apenas hipóteses e interpretações prematuras, nascidas antes do afã de generalizar certas explicações do que da análise objetiva dos dados de fato. Segundo se sabe, o próprio Freud reconhecia as inconsistências de suas contribuições à psicologia da cultura¹³.

Em duas circunstâncias são fundadas as críticas dos sociólogos à psicanálise. Primeiro, quando os psicanalistas tentam estabelecer analogias entre os processos da vida psíquica e os processos culturais, para explicar os segundos através de interpretações válidas para os primeiros. A maioria dos resultados da "sociologia psicanalítica", como a designa Bastide¹⁴, cai nessa categoria. Segundo, nos casos em que pretendem explicar fenômenos histórico-sociais mediante conceitos, hipóteses e elaborações interpretativas de natureza psicológica. Como escreve Hollitscher, "a psicologia, ou em nosso caso a psicanálise, não deve tentar oferecer uma explicação direta dos acontecimentos e desenvolvimentos históricos por meio dos sentimentos, desejos, pensamentos e causas de ações por ela descobertos nos homens através da pesquisa"¹⁵. Acredito que, quanto a isso, os psicanalistas e sociólogos estão inteiramente de acordo. No fundo, semelhante princípio envolve a idéia de que existem diferentes níveis de explicação nas ciências sociais e que, por isso, é recomendável uma rigorosa delimitação dos problemas que caem no âmbito de investigação de cada disciplina.

Contudo, é preciso evitar confusões: êsse princípio não significa que o comportamento humano esteja dividido em várias secções e que cada ciência social possua uma secção própria e inalienável para suas investigações. Em se tratando do comportamento humano, é impossível pensar cada nível da explicação científica como se exercitando sobre um sistema fechado. Em conseqüência, tomando como objeto de suas investigações a personalidade como um sistema estrutural e funcionalmente organizado, o psicólogo tem que enfrentar problemas que vão da herança biológica à herança cultural e social dos seres humanos. Trata-se, pois, de um sistema que precisa ser concebido em termos de um número extremamente complexo e variável de situações possíveis. De um

sistema dessa ordem se poderia dizer que êle não oferece limites pré-fixados e inalteráveis à investigação científica. Daí a legitimidade da aplicação do ponto de vista psicológico à investigação de situações que poderiam ser definidas, formalmente, como parte do objeto de outras disciplinas.

O mesmo raciocínio poderia ser desenvolvido com referência às outras ciências sociais. Todavia, não é isso o que interessa aqui. Mas, sim, que à luz dêsses argumentos muitas das tentativas empreendidas por Freud ou outros investigadores, são legítimas e necessárias do ponto de vista psicológico. O psicanalista não pode esperar, de braços cruzados, que o biólogo, o etnólogo ou o sociólogo resolvam certos problemas fundamentais sôbre as relações da psique humana com o organismo, a cultura e a sociedade. O que poderia ocorrer seria que, dependendo do caráter mais ou menos específico dos problemas, êles nunca seriam resolvidos. . . .

O resultado precedente permite colocar em novas bases as tão debatidas interpretações de Freud sôbre os fundamentos da vida grupal e as origens da civilização. A análise que êle faz da importância da vida grupal nas manifestações da libido e da influência de laços libidinais nas relações dos membros do grupo com o líder ou entre si permite colocar questões fundamentais, como as relativas à dinâmica do comportamento individual em situações grupais. O sociólogo nada tem a contestar enquanto a análise permanece dentro de tais limites, podendo, mesmo, beneficiar-se dela. Quando Freud vê nessas conexões um princípio para explicar a origem, a estrutura e o funcionamento dos grupos, a coisa muda de figura. E' que, então, passa a considerar o fenômeno em outro nível de integração, o do sistema da vida grupal, sem tomar os necessários cuidados para redefinir a influência funcional ou causal da libido dentro da nova constelação de fatores ativos¹⁶. Raciocínio similar se aplica às suas interpretações da formação e da evolução da civilização. A idéia de Freud de que o complexo de Édipo permite explicar a origem da civilização e as manifestações primordiais da religião, da moral, da sociedade e da arte encontra sérias objeções na sociologia. Já se disse que ela se baseia em construções conjecturais (suposições concernentes à existência da horda paternal e à sua transformação, pelo parricídio, em bando fraternal) e que envolve uma generalização abusiva dos argumentos fundamentados empiricamente (ou seja: as conclusões não se atêm aos fenômenos investigados e aos seus efeitos — o totemismo, as proibições do incesto e as regras de exogamia, estudados psicológicamente). Contudo, a restrição capital diz respeito aos procedimentos de indução por analogia, explorados por Freud com o intuito evidente de generalizar a teoria do complexo de Édipo. Explicações descobertas pela investigação psicanalítica da formação e da organização da personalidade, foram estendidas e aplicadas interpretativa-

mente além dos limites da vida psíquica individual e sem nenhum propósito claramente definido de assinalar se os *fatôres psicológicos* exercem influências dinâmicas específicas, seja na produção, seja na orientação de determinados processos sócio-culturais.

Isso nos faz voltar ao tema da colaboração interdisciplinar. Esta não poderá significar, de nenhuma maneira, que a solução de problemas específicos da psicanálise, que envolvem polarizações do tipo *personalidade-estrutura social*, possa ser alcançada mediante a associação do psicanalista com o sociólogo. O progresso teórico a ser obtido na cooperação interdisciplinar traduz duas coisas bem diferentes. Primeiro, maior economia e eficiência na organização de pesquisas, pelo emprêgo de técnicas adequadas de coleta, organização e interpretação dos dados. Segundo, possibilidade de formular e resolver novos problemas — referentes à adequação de conceitos, à verificação de hipóteses ou à comprovação de explicações — que se apresentam, geralmente, nas chamadas “*áreas de fronteiras*” das investigações. Na situação atual, os sociólogos podem prestar boa e produtiva colaboração aos psicanalistas apenas no primeiro plano. Ou seja, na cooperação em pesquisas que tomem por objeto fenômenos de interesse mútuo (como o preconceito racial, por exemplo). No segundo plano, a cooperação é mais difícil, porque a sociologia ainda está lutando com dificuldades elementares na esfera da sistematização teórica. Não obstante, algo pode ser conseguido se os alvos teóricos das investigações caírem em campos nos quais a sociologia tem experimentado progressos positivos.

Conclusões

Diante de um auditório de psicólogos, a presente discussão se orientou para temas que dizem respeito ao aproveitamento dos resultados da psicanálise pelos sociólogos e às perspectivas de pesquisas interdisciplinares. Em ambos os assuntos se evidencia que as transformações sofridas nos últimos anos pela sociologia, as quais tendem a valorizar a pesquisa e a definir objetivos teóricos precisos, contribuíram para uma melhor compreensão da psicanálise e para criar condições favoráveis ao trabalho cooperativo. Contudo, os psicanalistas já se acostumaram a resolver por meios próprios os problemas mais complicados e difíceis, o que levanta a questão de saber se tais alterações possuem, de fato, alguma significação para eles.

NOTAS

(1) Roger Bastide, *Sociologia e Psicanálise*, tradução de Lavinia Costa Vilela. São Paulo, Instituto Progresso Editorial, 1948.

(2) Talcott Parsons, “Psychology and Sociology”, in John Gillin, ed., *For a Science of Social Man. Convergences in Anthropology, Psychology*

and Sociology. New York, Mac-Millan, 1954. Cap. 4, págs. 97-99. Cf. também M. Ginsberg. "The Problems and methods of Sociology", in *The Study of Society*. Londres, Routledge & Kegan Paul Ltda., 1939, cap. XIX.

(3) Edwin M. Lemert, *Social Pathology. A Systematic Approach to the Theory of Sociopathic Behavior*. New York, Mac Graw Hill Book, 1951. Cap. 11.

(4) Sigmund Freud, *Introductory Lectures on Psycho-Analysis*, tradução de Joan Rivière, prefácio de Ernst Jones. London, George Allen & Unwin, impr. de 1949, pág. 362.

(5) Erich Fromm, *The Fear of Freedom*. London, Routledge & Kegan Paul, 1942. Especialmente cap. VII.

(6) Cf. Karen Horney, *The Neurotic Personality of Our Time*. London, Routledge & Kegan Paul, 1937.

(7) Segundo a orientação de Kardiner, referimo-nos à psicanálise como parte das ciências sociais (cf. Abram Kardiner, *The Psychological Frontiers of Society*. New York, Columbia University Press, 1945).

(8) Sobre o caráter e o conteúdo de tais críticas, cf. Roger Bastide, *Sociologia e Psicanálise, op. cit.*, terceira parte (*passim*).

(9) Cf. Géza Róheim, *Psychoanalysis and Anthropology. Culture, Personality and the Unconscious*. New York, International Universities Press, 1950. Cf. também "Psychoanalysis and Anthropology", in Sándor Lorand, ed., *Psychoanalysis Today*. New York, International Universities Press, 1944, págs. 381-395. Marie Bonaparte, *Psychanalyse et Anthropologie*. Paris, Presses Universitaires de France, 1952, capítulos VIII, IX e X.

(10) Harold D. Lasswell, "The Prolonged Insight Interview of Freud", in *The Analysis of Political Behavior. An Empirical Approach*. London, Routledge & Kegan Paul, 1948, parte III, capítulo III (citação extraída da pág. 293).

(11) Pitirim Sorokin, *Contemporary Sociological Theories*. New York and London, Harper & Brothers, 1928, págs. 607-608.

(12) A êsse respeito, cumpre reconhecer que tentativas críticas do tipo da de Sorokin são verdadeiramente epidérmicas, quando comparadas às dos próprios psicanalistas, como Horney, por exemplo (cf. Karen Horney, *New Ways in Psychoanalysis*. New York, W. W. Norton, 1939).

(13) Cf. Walter Hollitscher, *Sigmund Freud. An Introduction. A Presentation of his Theory, and a Discussion of the Relationship between Psychoanalysis and Sociology*. London, Kegan Paul, Trench, Trubner, 1947, pág. 99.

(14) Roger Bastide, *Sociologia e Psicanálise, op. cit.*, segunda parte (*passim*).

(15) Walter Hollitscher, *Sigmund Freud, op. cit.*, pág. 4.

(16) Na presente discussão, foram tomadas em consideração interpretações desenvolvidas por Freud em: *Totem et Tabu. Interpretation par la Psychanalyse de la Vie Sociale des Peuples Primitifs*, tradução de S. Jankélévitch, Paris, Payot, 1947; *Group Psychology and the Analysis of the Ego*, tradução de James Strachey, London, The Hogarth Press, impr. de 1945; *The Ego and the Id*, tradução de Joan Rivière, London, The Hogarth Press, impr. de 1947.